

RIO DE JANEIRO

RICARDO SCHOTT
ricardo.schott@odia.com.br

As incertezas em relação ao retorno ou não das aulas presenciais no Rio de Janeiro, além da chegada dos sistemas híbridos nas escolas da cidade, tem deixado muitos pais e professores inseguros em relação a como lidar com a ida dos filhos para a rua. Por outro lado, as aulas remotas, desde que as escolas adotaram o ensino à distância por causa da pandemia de covid-19, têm sido fontes de novas descobertas para as famílias.

Tanto os pais quanto os filhos têm lidado com dilemas ligados à concentração dos filhos, à internet que cai, ao fato das crianças não estarem podendo mais encontrar com os colegas - e ao chegarem na escola para as aulas híbridas, terem que manter o distanciamento. A advogada Samantha Windsor, por exemplo, recorda que, em casa, manter a concentração de um filho que está aprendendo a ler não é nada fácil.

“Graças a Deus, ele não precisou de apoio psicológico. Teve uma estrutura muito boa da escola e da professora em parceria conosco”, recorda ela, cujo filho já retornou para o ensino híbrido numa escola da Vila da Penha, onde a família mora. “Precisei prender a atenção dele num local cercado de objetos bem mais atraentes que os livros”.

Professora de teatro e mãe, Maria Fernanda Lamim tem um filho de 6 anos, Arthur Felipe, e uma de 4 anos, Vera Lise, ambos matriculados em um colégio na Ilha do Governador, os dois tendo aulas online. A pandemia fez com que ela e o marido, Emerson, comprassem material novo: um notebook extra, uma internet com velocidade aumentada, etc.

“Nosso principal problema e conciliar o horário deles com o nosso trabalho. Tem dias que eu fico no quarto com um dos filhos, usando o notebook. E meu marido na sala com o outro usando o celular. Eles estão aprendendo, o Arthur, mais velho, está se alfabetizando”, conta ela, que não pretende mandar os filhos para a escola.

Já os filhos da dentista Mariana Medeiros retornaram às aulas presenciais na Vila da Penha. Ela relata que a aula remota foi um problema, justamente por não ter condições de deixar ninguém vigiando as atividades. “Sou linha de frente como dentista, não consigo trabalhar de home-office”, diz.

A servidora pública Cátia Bastos, mãe de Ísis, 10 anos, diz que optou pelo retorno ao presencial quando a escola voltou ao sistema. “A análise das vantagens do sistema online tem que ser feita pelas famílias. Mesmo que as escolas ofereçam todo o ferramental, é complicado visualizar o que está sendo escrito no quadro”, recorda ela, que comprou um cabo que chegasse ao quarto da menina para ela estudar em casa.



A filha de Cátia, Ísis, na aula online: instalação de internet no quarto da menina

VÁRIAS MUDANÇAS E INCERTEZAS

Pais adaptam-se às modificações bruscas no sistema de ensino (presencial, remoto, híbrido) e lidam com novos dilemas, além do isolamento dos filhos



Cátia e a filha Ísis: mudanças na internet para a filha estudar



Mariana: filhos em aula remota, ela no trabalho



Arthur, filho de Maria Fernanda, na aula online



A família da professora Maria Fernanda: problema para conciliar os horários

SEM SOCIALIZAÇÃO

Pais lidam com depressão dos filhos

■ O governo do estado do Rio soltou um decreto, válido até hoje, que permite a retomada às aulas presenciais em escolas particulares das Redes Pertencentes ao Sistema Estadual de Educação, o Sindicato dos Estabelecimentos de Educação Básica do Município do Rio de Janeiro (Sinepe). A decisão de receber os alunos fica por conta de cada instituição de ensino. O funcionamento será híbrido, com a continuidade de aulas remotas e atendimento presencial máximo de 50% da capacidade da unidade de ensino.

Para Maria Fernanda Lamim, que vive a situação do ensino remoto nas duas pontas - como mãe e professora

de teatro da rede municipal do 7º, 8º e 9º anos - um grande desafio das aulas remotas é chegar nos alunos. “Eles têm muitas limitações de equipamentos, internet e espaço”, conta. A psicóloga Maria Cristina Urrutigaray explica que nesse período de isolamento, os pais precisaram lidar bastante com a depressão dos filhos, e que muitos estavam querendo mesmo que eles voltassem para a escola.

“O que conta é a questão da socialização. A gente não mora mais em casas com quintal”, conta ela, recomendando que os pais sempre busquem incentivar a imaginação dos filhos. “Que eles tenham bastante paciência porque é um período difícil. A criança pode até ser levada a um parquinho,

mas a aglomeração é perigosa. Tem que usar máscara e álcool gel”.

Coordenadora do Sepe (Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio), Izabel Costa diz ter ficado surpresa com a autorização da reabertura, e ressalta que os profissionais da rede estadual estão em greve pela vida, justamente pelo risco de contaminação. “Consideramos que é uma disputa política, não é mais uma disputa científica. A prefeitura do Rio precisa responder às demandas dos pais, que vêm expressando uma grande preocupação com a contaminação. Fazemos nossa parte, que é enviar denúncias à Secretaria de Educação toda semana”, conta ela.